

Assassinado Vicente Cañas, missionário da causa indígena

Dez anos de convivência com os Enauenê-Nauê. Depois, a morte. Violenta. Assassinato. Foi assim com Vicente Cañas, irmão jesuíta espanhol naturalizado brasileiro e quase Enauenê-Nauê (ver matéria ao lado). Seu corpo, apenas pele e osso, foi encontrado no dia 16 de maio passado, por missionários do Cimi e dois índios Mynky, próximo ao barraco que ele mantinha à beira do rio Juruena (MT), a 130 quilômetros da aldeia.

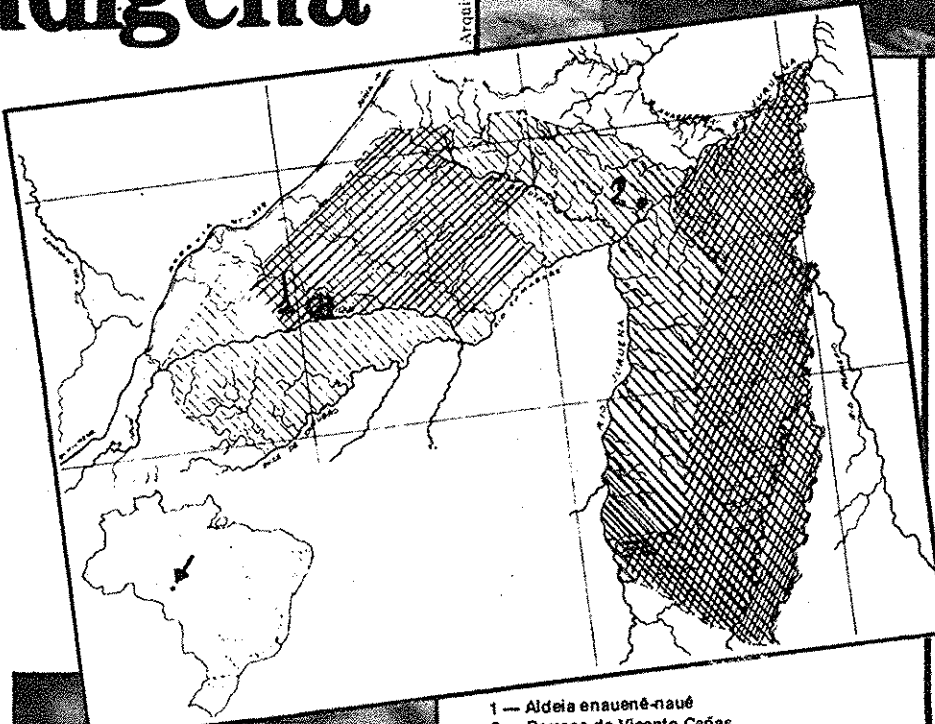
O laudo do Instituto Médico Legal não havia sido divulgado até o fechamento desta edição. Mas o médico legista Arlindo de Almeida Filho afirmou durante a realização da autópsia que a morte, ocorrida por volta do dia 6 de abril, se deu por agressão física e que o corpo tinha sido perfurado por metal cortante.

A situação em que foi encontrado o barraco de Vicente, onde ele mantinha um aparelho de radiofonia, remédios e combustível, indica que houve realmente assassinato. Próximo à sua rede, foram encontradas uma lente de seu óculos de sol espedaçada e a lanterna quebrada. Do lado de fora, os óculos e sua prótese inferior jogados no chão. A um metro do barraco, o corpo de Vicente, nu.

Diante da denúncia do crime, o secretário de Segurança de Mato Grosso, Otto Sampaio, declarou ser praticamente impossível chegar aos assassinos, uma vez que o médico legista não atestou a causa mortis. Afirmou ele também que dificilmente a morte tenha ocorrido em consequência de conflito de terra.

Novamente um crime sem esclarecimento? O governador do Estado, Carlos Gomes Bezerra, garantiu que não. E chegou a dizer que é necessário "melhorar o aparelho do Estado, porque muitas dessas violências são feitas pela própria força policial". A afirmação ocorreu a 25 de maio, durante encontro mantido com o presidente do Cimi, dom Erwin Krautler, o arcebispo metropolitano de Cuiabá, dom Bonifácio Piccinini, membros do órgão indigenista, da Opan e três Mynky.

A 26 de maio, o promotor José Geovaldo da Silva foi nomeado pelo governador para acompanhar as investigações do inquérito policial. Nesse mesmo dia, seguiu para a área uma equipe formada por

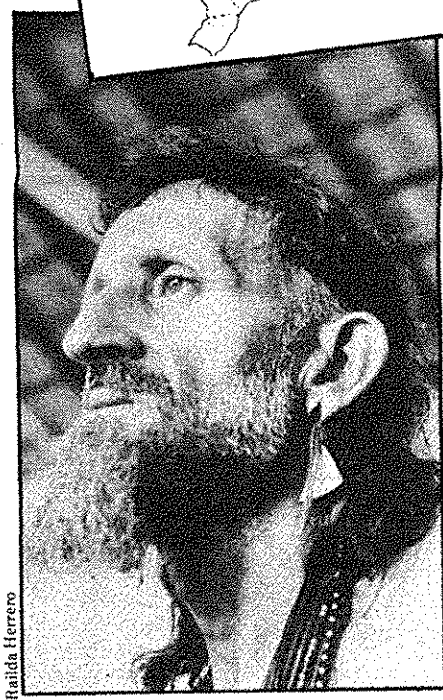


- 1 — Aldeia enauenê-nauê
- 2 — Barraco de Vicente Cañas
- Área Enauenê-nauê
- Área objeto de estudo da Secretaria do Meio Ambiente

Durante cinco anos, Vicente Cañas não arredou pé de junto dos Enauenê-Nauê, cujo território não foi ainda sequer delimitado

cerimônia reuniu aproximadamente 500 pessoas, entre elas representantes de associações de moradores, CUT (Central Única dos Trabalhadores), CPT (Comissão Pastoral da Terra) e outras entidades.

Durante o ato litúrgico, perguntou dom Bonifácio até quando fatos como esse serão repetidos sem que os responsáveis sejam descobertos e sem que haja justiça. Dom Erwin lembrou a morte de outros missionários assassinados porque defendiam os direitos de povos indígenas e lavradores. Vicente, afirmou ele, "é vítima da guerra sem quartel que os inimigos dos povos indígenas movem contra os primeiros habitantes destas plagas". Sua morte é "uma exigência com sangue para a demarcação das terras daqueles índios", que vêm sendo invadidas por empresas madeireiras, fazendeiros e posseiros (ver PORANTIM nº 90). E terminou lembrando que "outros missionários leigos e religiosos que atuam nessa região junto aos povos indígenas estão seriamente ameaçados e há tempo correm risco de vida".

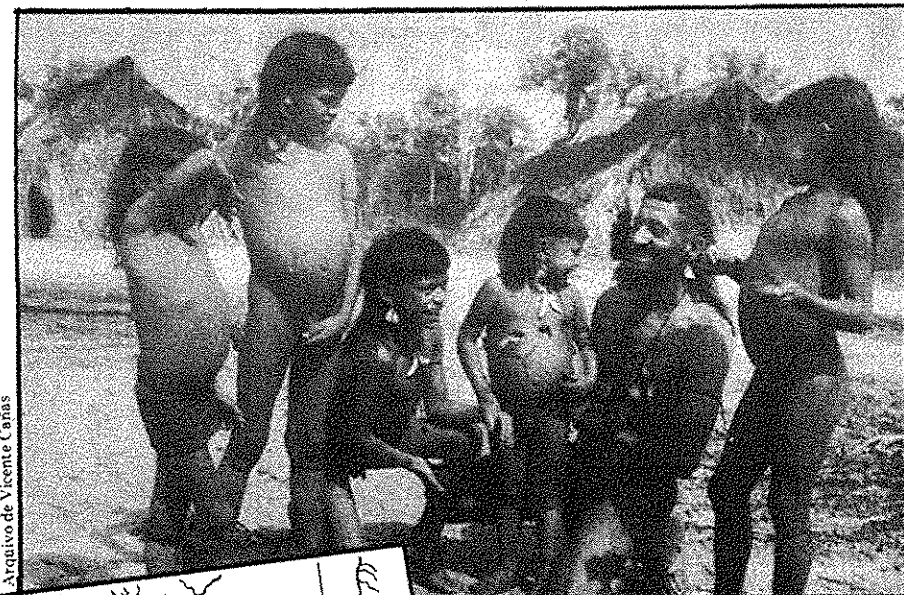


Bailda Herrera

policiais, funcionários da Funai e indigenistas, sob o comando do diretor da Polícia Civil de Mato Grosso, o delegado João Evaristo Capetinga.

Celebração

Uma missa, seguida de ato público, foi celebrada na Igreja do Rosário, em Cuiabá (MT), no dia 24 de maio, em protesto ao assassinato de Vicente Cañas. Concelebrada pelo arcebispo metropolitano dom Bonifácio Piccinini, por dom Erwin Krautler e por vários padres de dioceses e paróquias da região, a



Arquivo de Vicente Cañas

Vinte anos na resistência dos nativos

Vicente Cañas vivia no Brasil já há 20 anos. Ele veio da Espanha com a intenção de se dedicar exclusivamente à convivência com povos indígenas. Sua primeira experiência, porém, não foi das mais agradáveis. Em 1969, um contato mal efetuado pela Funai fez com que os Tapayuna, conhecidos como Beicho de Pau, fossem reduzidos em poucos meses de 600 para 40 pessoas. De outubro daquele ano a abril de 1970, Vicente esteve em íntima convivência com o grupo, que acabou sendo transferido para junto de outros Tapayuna no Parque Indígena do Xingu.

Em seguida, Vicente Cañas se mudou para junto dos Paresi, também no Mato Grosso, com quem esteve durante cinco anos. Nesse período, integrou o grupo que, em 1971, contactou os Mynky e, em 1976, os Enauenê-Nauê. A partir de então colocou-se à disposição para iniciar a convivência com esse povo. Seu objetivo era orientar os Enauenê-Nauê no contato com a população envolvente, conseguir a demarcação da área indígena e atuar no setor de saúde. Mas somente em 1977 isso foi possível. Até então, ficou entre os Mynky, de quem recebeu o nome de Kiuxi.

Encarnação

Durante cinco anos, de junho de 1979 a junho de 1983, Vicente, já então Kiuxi, não arredou pé de junto dos Enauenê-Nauê, que passaram a considerá-lo como um deles. Seu dia-a-dia, acompanhado durante um período por voluntário da Opan (Operação Anchieta), era como o de qualquer membro da aldeia: participava dos rituais, pescava (os Enauenê-Nauê não caçam. A base de sua alimentação proteica é o peixe), buscava mel, fazia artesanato e ia se familiarizando com a língua desse povo.

Em março de 1986, em entrevista ao PORANTIM (ver nº 86), Vicente Cañas resumiu o trabalho que levava junto aos Enauenê-Nauê: É de evangelização? "Não", respondeu. "A evangelização é uma utopia. Como você pode mudar de religião, mudar de Deus, que é o mesmo Deus, como eu mudo de camisa?"